

Recife, maré cheia

Felipe Tadeu



A capital de Pernambuco continua emitindo sinais de grande mobilização cultural. A música pernambucana está desempenhando um papel de extrema relevância na recuperação da auto-estima do povo local.

Meio que surpreendidos pelo alcance que a arte de Chico Science (1967/97) & Nação Zumbi empreendeu pelo mundo afora, artistas das mais diversas áreas aproveitaram a maré boa para fazer transbordar de vez na década passada os mangues que permeiam a cidade. De lá para cá, onde se via desencanto, fez-se luz.

Pernambuco sempre foi música por excelência. Luiz Gonzaga, Vassourinhas, Quinteto Armorial, Alceu Valença, Capiba, Lenine e Naná Vasconcelos, por exemplo, são de lá. Assim como os „novos“ mundo livre s.a., Sheik Tosado, Devotos, Faces do Subúrbio, Mestre Ambrósio, Querosene Jacaré e muitos outros que têm a história de sua musicalidade contada no livro *Do Frevo ao Manguebeat*, de autoria do jornalista José Teles. A obra, lançada há poucas semanas pela Editora 34 como parte da ótima coleção *Todos os Cantos* (ex-Ouvindo Musical), é destes livros fundamentais para quem curte música brasileira, rock e uma boa leitura. José Teles ilustra um panorama bem detalhado das experiências musicais que os pernambucanos andaram traçando desde a explosão carnavalesca do frevo nos idos de 40, até o dia em que os caranguejos com cérebros do movimento manguê começaram a ser notícia nos suplementos culturais do universo. Tudo isso passando, é lógico, pelos férteis e lisérgicos anos 70, quando nomes como Robertinho do Recife, Paulinho Rafael e Lula Cortês despontavam junto a Alceu, ao paraibano Zé Ramalho e outros bardos

de nossa contracultura musical. Falando em frevo, este também serve de mote para o som de uma banda recifense bem interessante que atende pela alcunha de Sheik Tosado (em homenagem ao cachorro de um dos integrantes, que teve certa vez seus pêlos radicalmente aparados), e que tocou no Palco Mundo do Rock in Rio 3, provocando a ira dos mal-amados metaleiros que clamavam, como viúvas, pelos finados do Iron Maiden.

Pois bem, o Sheik está entrando nos estúdios novamente para gravar seu segundo disco, depois do vigoroso *Som de Caráter Urbano e de Salão*, que o sempre atento selo Trama lançou em 1999. Um hardcore bem brasileiro, onde o maracatu, o frevo e até a bossa nova



ecoam como elementos indissociáveis da pegada gringa. A banda merece atenção: China nos vocais, Gustavo da Lua no tambor e percussão, Bruno Ximarú nas guitarras, Hugo Carranca na bateria, Risaldo no baixo e Oroska no pandeiro e percussão. A presença da música pernambucana em festivais no Brasil e no exterior tem sido também cada vez mais forte. Em 1999, a *Haus der Kulturen der Welt*, em Berlim, Alemanha, recebeu Lenine e a banda Cascabulho na edição que teve o Brasil como país-tema do evento. Ambos emplacaram performances irretocáveis, com Silvério Pessoa (ex-cantor e líder do Cascabulho) chamando muita atenção da televisão alemã.

Em julho do ano passado, foi a vez de Montreux com uma noite exclusivamente pernambucana, na qual participaram Naná Vasconcelos (em atuação memorável, apesar de curta) à frente do

Flor do Mangue e Alceu Valença, dentre outros. Mas é no Abril pro Rock, produzido por um dos franco-atiradores do manguebeat, Paulo André (ex-produtor de Chico Science e do Cascabulho), que a moçada do Recife tem mais espaço para mostrar a sua garra. Neste ano de 2001, a novidade principal do evento é que ele terá uma versão compacta em São Paulo, que vai rolar uma semana depois do festival em Pernambuco. Questão de estratégia: Sampa é muito mais aberta que o Rio de Janeiro ao que vem de outras partes do Brasil, e onde Otto, mundo livre s.a. e Mestre Ambrósio jogam praticamente em casa. E é bom lembrar que a cidade de Adoniran Barbosa é a maior metrópole nordestina. Para quem não pode ir ao Recife ver in loco os loucos no Abril Pro Rock e no Rec Beat, e tampouco vive no Rio de Janeiro, epicentro da mídia num país de proporção continental, o jeito é fustigar pelas frestas. Quem está ligado na internet, é só visitar os sites da Mangue-nius (www.manguenius.com.br), Manguetronic (www.manguetronic.com.br), ou A Ponte (www.aponte.com.br), e sair vasculhando tudo, que vai encontrar não só música pop de qualidade, como muitas outras surpresas. E saber porque Naná Vasconcelos vai levar a vanguarda nordestina e o pessoal do manguebeat para o próximo Percpan: „É uma realidade da nossa música alternativa. Eu quero umas máquinas no palco“, declarou ele, senhor dos berimbau e mestre da percussão brasileira, ao Estado de São Paulo. Pernambuco dá régua e compasso. *eMail:Brasilkult@aol.com*



Chico Science (1967–1997)